

O PAPEL DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA ESCOLHA PROFISSIONAL DO ADOLESCENTE

Taís Evangelho Zavareze

Psicóloga Especialista em Avaliação Psicológica e Assistente de Pesquisa do Laboratório Fator Humano da
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Brasil)

Contacto:
taiszareze@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo caracterizar o Papel do Orientador Profissional na Escolha Profissional do Adolescente bem como refletir a respeito da fase de desenvolvimento em que o adolescente se encontra quando realiza a escolha profissional. Inicialmente é feita uma breve revisão de literatura a respeito do significado da orientação profissional. Em seguida alguns comentários são realizados sobre a fase de desenvolvimento do adolescente. Por fim diante da compilação dos autores é discutido a respeito do papel da orientação profissional na escolha do adolescente.

Palavras-chave: Papel, orientação profissional, escolha profissional, adolescente

Segundo Wainberg (1997) a preocupação com a escolha profissional do indivíduo tem gerado estudos desde o final do século XIX com os primeiros testes mentais de J. M. Cattell e Binet, e com a publicação em 1909, por Parsons, do primeiro trabalho específico vocacional: Choosing a vocation.

Para a referida autora houve mudanças nas idéias dessa época para as idéias que se tem atualmente, pois o que antes era aconselhamento vocacional, crença na existência de aptidões específicas mensuráveis e estáveis e na incapacidade do adolescente decidir por si mesmo, atualmente se acredita no adolescente desempenhando papel ativo no processo decisório, na idéia das potencialidades não serem estáticas nem específicas, mas modificáveis com o tempo e a partir disso, então, o processo de Orientação Profissional acompanha essa evolução não sendo mais visto como auxílio na escolha de uma ocupação, mas como parte do processo de busca da identidade pessoal.

Lisboa (2002) afirma que um dos méritos da Orientação Profissional é a possibilidade de reflexão aprofundada sobre os elementos que constituem o projeto profissional, considerando o contexto do trabalho como um dos mais importantes.

De acordo com Valore (2002) o processo de Orientação Profissional, é um método de intervenção, mais do que um conjunto de procedimentos, representa uma estratégia do pensamento, uma articulação de conceitos e de proposições que configura um objeto de estudo e permite uma dada análise resultando que para poder estabelecer o método em Orientação Profissional, é preciso perguntar-se acerca de seu objeto, a identidade profissional.

Entende a referida autora que as indagações que se faz a respeito do objeto de intervenção serão diferentes a partir de como se pensa o lugar ocupado pela profissão na vida de alguém, a relação homem-trabalho-sociedade, os múltiplos determinantes da escolha e o peso que lhes atribuímos. Esse objeto de estudo não se remete apenas ao que fazer, mas integra a identidade pessoal mais ampla “quem ser e quem deixar de ser”. A identidade profissional é construída através das relações interpessoais e deriva de valores, princípios e posturas que serão articulados de acordo com o ideal de cada um e que poderão constituir um projeto de vida.

Levenfus (1997) considera a Orientação Vocacional Ocupacional um processo mais abrangente, que diz respeito não somente à informação das profissões, mas a toda uma busca de conhecimento a respeito de si mesmo, características pessoais, familiares e sociais do orientando, promovendo o encontro das afinidades do mesmo com aquilo que pode vir a realizar em forma de trabalho. Classifica, portanto, como uma abordagem psicológica, ou psicopedagógica, que visa a buscar uma identidade profissional.

Quanto ao termo *orientação*, Levenfus (1997) prefere entendê-lo como auxiliar terapêuticamente alguém a encontrar um direcionamento para a sua vida, um “que fazer”, por meio do reconhecimento de uma identidade profissional, a partir do conhecimento de seu mundo interno e do mundo ocupacional.

Segundo a referida autora, o ocupacional e o vocacional estão relacionados na medida em que o ocupacional é o FAZER, que necessita de objetos, ferramentas, símbolos, técnicas, estratégias para efetivar o vocacional que é o que se pretende SER e separar o ocupacional do vocacional é um FAZER sem sentido.

Contextualizando a Orientação Vocacional Ocupacional, Veinstein (1997) nos diz que ela é entendida desde 1975 como transdisciplina, tem a escolha como objetivo e para cumprí-lo o indivíduo precisa saber de si mesmo e do mundo ao qual está inserido podendo assim emergir dele e constituir sua própria história, amar, conhecer, trabalhar e ser com os outros.

Para Knobel (1997), a Orientação Profissional muitas vezes responde a necessidades sócio-econômicas do sistema (seja este quaisquer, dentro de linhas políticas diversas e até antagônicas); a pessoa não interessa. Logicamente esta modalidade estava destinada ao fracasso, apesar de que ainda se tem os que “orientam” para determinada atividade em nossa sociedade.

Segundo o referido autor tinha logicamente que se estruturar o que chama de “orientação vocacional”. Vocação é o que aparece no sujeito, e aí sim reaparece o indivíduo-sujeito da sua própria vida, porém sem perder o contato necessário com os outros, e acrescenta já neste ponto, com seu futuro e as perspectivas da estruturação sociopolítica e econômica.

Segundo Palacios (1995) a adolescência é uma etapa de transição da infância à idade adulta que se estende dos 12-13 anos até aproximadamente o final da segunda década de vida, na qual não se é mais criança, mas ainda não se tem o *status* de adulto.

Para Fierro (1995) a adolescência costuma ser caracterizada como um período preparatório para a idade adulta e um momento de recapitulação da infância passada, de toda a experiência acumulada e agora posta em ordem. É um período e um processo: de ativa desconstrução de um passado pessoal, em parte tomado e mantido e, por outro, abandonado e definitivamente preterido; de projeto e de construção do futuro, a partir de um enorme potencial e acervo de possibilidades ativas que o adolescente possui e tem consciência de possuir. Neste processo, de recapitulação e de preparação, determinados temas vitais – a própria identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, a experiência e a experimentação de novos papéis – passam a ser preponderantes nas relações do adolescente com seu meio e em sua própria vivência fenomenológica, consciente, dos acontecimentos.

Segundo esse mesmo autor o tema vital mais importante na personalidade adolescente é o do desenvolvimento do eu e da identidade pessoal e esse tema é vinculado à própria história do adolescente. É na adolescência que o ser humano começa a ter propriamente história, memória biográfica, interpretação das experiências passadas e seu aproveitamento para enfrentar os desafios do presente e as perspectivas do futuro, começa-se a tecer o próprio relato pessoal e este relato constitui o discurso fundamentador da sua identidade pessoal.

Lisboa (1997) diz que após o nascimento, é a adolescência a segunda fase em grau de transformações maiores e significativas tanto física quanto emocionalmente e onde há a continuação da evolução do ser humano e a entrada em um processo que levará o ser à vida adulta.

Para a referida autora, nessa fase há a construção da identidade do adolescente que é diferenciada da identidade infantil já que as figuras de identificação, base para a formação da identidade, até então foram principalmente os pais. Na fase da adolescência, no entanto, outras tomam um lugar de maior importância, havendo, inclusive, a perda do lugar dos pais frente a elas. É principalmente o grupo de amigos, os personagens que se evidenciam como expoentes nos setores como esportes, música, cinema e televisão e os professores.

A autora acrescenta que a escolha da futura ocupação está inserida justamente na fase da adolescência. É o momento em que o jovem começa a se preocupar com o futuro, e, dentro deste, o trabalho em lugar de destaque e essa preocupação se inicia principalmente na escola, na família, entre amigos.

Fierro (1995) afirma que a adolescência seja um momento evolutivo de busca e consecução da identidade do indivíduo e resulta da sedimentação de todas as identidades passadas que o adolescente viveu com outras pessoas em sua vida infantil. Porém, diz que a identidade pessoal não se reduz à mera soma ou acúmulo das identidades infantis, mas transcendem no sentido de um projeto de vida.

O mesmo autor afirma que o conceito de si mesmo constitui um dos elementos integrantes da identidade pessoal. É um conjunto de conceitos, de representações, de juízos descritivo e valorativo a respeito do próprio sujeito e tal conceito se refere a si mesmo sob diferentes aspectos: o próprio corpo, o próprio comportamento, a própria situação e relações pessoais. O autoconceito é autoconhecimento e implica em um conjunto bastante amplo de representações e de processos cognitivos auto-referidos.

Lisboa (1997) salienta que a construção da identidade ocupacional está diretamente vinculada à identidade pessoal uma vez que incluem todas as identificações do indivíduo feitas ao longo da existência e com base nestas identificações, a formação da identidade ocupacional se dá por meio da autopercepção em termos de papéis ocupacionais ao longo do tempo.

Referindo-se à família do adolescente a autora conclui que uma vez a identidade pessoal do adolescente sendo formada com base nas figuras parentais, primordialmente, e, secundariamente, a partir de outras pessoas da família e outros seres significativos de fora dela, é esperado que na formação da identidade ocupacional este grupo ocupe um lugar de importância para o indivíduo.

Soares (1987) afirma que a identidade é formada nas relações que se estabelecem entre pessoas que desempenham papéis sociais importantes na vida de cada indivíduo, como pais, parentes, amigos, professores, etc. Desde criança já há identificação, consciente ou inconscientemente, e assume-se e experimentam-se papéis que vão servir para o estabelecimento da identidade futura.

Segundo a referida autora a identidade assume várias especificidades, dependendo em função do que ela é desempenhada: identidade sexual, identidade ocupacional, identidade profissional. Entende que existe sempre uma interação contínua entre fatores internos e externos à pessoa e que a busca de integrar estas identidades diversas dá-se quando o jovem vem solicitar auxílio na escolha da profissão, pois o conflito que emerge em relação à escolha de quem ser, através de algo que fazer, expressa a dificuldade em definir sua identidade.

Soares (1987) baseando-se em Bohoslavsky faz uma diferenciação entre identidade vocacional da identidade profissional. Para este autor a identidade vocacional expressa as variáveis de tipo afetivo-motivacional determinada pelos conflitos inconscientes e sua possível elaboração pelo sujeito. Responderia às seguintes questões: por que, para que e como uma pessoa chega a escolher determinada profissão? Por outro lado, a identidade profissional mostra o produto da ação de determinado contexto social sobre a identidade vocacional e está determinada pelos aspectos sócio-econômicos e políticos de um país, isto é, pela ideologia que permeia todas

essas relações. Responderia às seguintes questões: quando? Onde? Com quê? À maneira de quem? podendo-se observar o quanto está definida pela ação que o social, através das relações que o jovem estabelece com as pessoas importantes para si, pode vir a reforçar ou negar as características básicas de sua identidade vocacional.

Soares (1987) comenta que as profissões dos pais geralmente influem de forma decisiva na maneira de ver o mundo profissional pelo jovem. Sua identidade profissional estará marcada pela satisfação ou não que seu pai tenha no seu trabalho e a própria identidade alcançada pelos pais no exercício diário de seus trabalhos influi na percepção do jovem. Por tudo isso ressalta a importância da família na formação da identidade vocacional-profissional do jovem. Para o autora o ideal seria que sempre que fossem realizados trabalhos de intervenção com os jovens os pais fossem chamados a participar.

Sobre a dimensão temporal como algo que necessita ser integrada e percebida pelo jovem. Soares (1987) diz que escolher o que se quer ser no futuro implica reconhecer o que fomos, que influências sofremos desde a mais tenra infância, que fatos foram marcantes em nossa vida até o momento e qual será a expectativa de vida em que o trabalho irá influir e até mesmo determinar.

Para Soares (1987) o jovem está passando por um período de reconhecimento de sua identidade. O seu “eu sou” ainda não está bem definido. Então o seu futuro é que vai definir quem “ele será”. O seu único referencial de eu é o seu “eu fui”, pois o “quem sou eu” está em fase de transição.

Além disso, a referida autora salienta que existe o sentimento de urgência na tomada de decisão. Comenta que pôde observar nos Serviços de Orientação Profissional a enorme quantidade de jovens que procuram a orientação nas vésperas da inscrição do vestibular (concurso que o fará ingressar na universidade), buscando uma resposta imediata, desiludindo-se quando percebem que é impossível. Ressalta ainda que o fato do jovem sentir que “perde” o ano se não fizer o vestibular lhe é passado socialmente por toda a estrutura familiar e social, através dos amigos, colegas e professores levando o jovem a sentir-se muito mal perante a família e o grupo de amigos, se ele resolver não fazer o vestibular porque não sabe ainda qual a profissão que deseja seguir, e gostaria de ter mais tempo para decidir-se.

Conforme Soares (1987) a Orientação Profissional pode se dar em três campos de atuação: a clínica, a escola e a organização. Na clínica poderão ser elaborados os conflitos referentes às implicações de escolha e sua relação com a satisfação ou não no trabalho, o sentimento de prazer ou de alienação em relação a ele. Na escola a autora diz que poderá ser utilizado como base para a intervenção auxiliando o jovem a escolher sua futura profissão consciente das possibilidades reais e na organização a orientação profissional contribui para a avaliação homem-trabalho, sendo importante refletir sobre a escolha realizada, seus determinantes e suas conseqüências na realização do trabalho.

O termo orientabilidade para Levenfus (1997) tem a mesma finalidade que a psicanálise refere o termo anasabilidade a título de identificar diagnosticamente a possibilidade em termos egóicos e estruturais que o paciente apresenta de submeter-se à determinada técnica, neste caso à Orientação Vocacional Ocupacional.

Valore (2002) trazendo a questão de se fazer clínica na escola, diz que para esse trabalho deve-se valer da escuta clínica psicanalítica para que se possa compreender o universo singular de cada orientando em seu processo de escolha, de crescimento e de construção de sua identidade e de seu projeto de vida, bem como para poder discernir os meandros do acontecer grupal. Essa abordagem considera os aspectos inconscientes determinantes da posição subjetiva frente à problemática da escolha.

Para a referida autora através do trabalho em grupo, o orientando poderá vir a aprender novas formas de se comunicar e de se relacionar com o outro, em um rico exercício de inserção social. Ao se trabalhar com a idéia de um projeto de vida pode-se oferecer ao orientando a oportunidade de exercer um papel comprometido e responsável, tanto na construção de seu destino individual quanto no da comunidade em que se insere. Wainberg (1997) acrescenta neste mesmo sentido que a atividade em grupo é facilitadora do processo de identidade individual e grupal, oferecendo melhores condições na elaboração dos sentimentos inerentes à atividade. E, além disso, a troca de experiências, o relato de vivências, assim como a tendência natural do adolescente para se agrupar torna o enfoque grupal indispensável para a realização deste processo.

Quanto à tendência grupal do adolescente Knobel (1992) ressalta que esse comportamento é resultado da busca da identidade adolescente e da uniformidade ocorrendo assim um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um o que pode proporcionar segurança e estima pessoal.

Segundo o mesmo autor, é transferida ao grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha com os pais e assim o grupo vai se constituir na transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta.

Em relação à família Andrade (1997) ressalta que o indivíduo deve considerar as influências explícitas ou sutis recebidas da família, pois conhecendo essas influências poderá utilizá-las de forma positiva e construtiva, selecionando-as e adequando-as aos seus próprios desejos e valores. Já o papel da família é de se ocupar de seus membros de forma construtiva, dando-lhes espaço para progredirem como indivíduos, integrarem-se como grupo, fornecer-lhes energia vital numa dinâmica saudável.

Para o autor a atuação do profissional junto à família é de se ocupar da interação família-trabalho, não negligenciando nem minimizando estas influências.

Segundo Valore (2002), a avaliação do processo é feita continuamente. Em muitos momentos, durante os encontros, é preciso resgatar o contrato de trabalho, os objetivos e os

papéis de cada um no grupo. Nestas ocasiões, costuma-se fazer uma avaliação do processo, para poder retomá-lo, às vezes, em outra perspectiva. Mas, há um momento próprio para a avaliação que coincide com o fechamento da Orientação Profissional feita com os orientandos. Uma avaliação também deve ser feita com a escola para expor os resultados obtidos e fazer um fechamento do processo.

Wainberg (1997) ressalta que é importante ter claro que a Orientação Profissional não é um momento isolado, particular. Faz parte de um processo maior de busca de identidade pessoal que inicia já antes do nascimento, quando dos planos e expectativas dos pais em relação ao seu futuro bebê, e é o resultado de uma série de decisões tomadas durante muitos anos, algumas vezes, durante toda a vida. Conclui dizendo que escolher é tarefa de quem vai seguir o caminho.

Dessa forma, concluímos que o papel do Orientador Profissional consiste em possibilitar ao adolescente o seu autoconhecimento, bem como na identificação de seus interesses e definição de seu projeto de vida. É papel do Orientador Profissional também esclarecer situações, conscientizar e vincular a problemática do adolescente, frente à escolha de seu futuro, com o contexto histórico e as situações locais onde esta escolha se dá. Para tanto o Orientador Profissional deve levar em consideração a etapa de vida que o adolescente se encontra, as influências dos amigos e familiares, além das vivências que cada jovem traz de todo o seu desenvolvimento, desde o momento intra-uterino.

REFERÊNCIAS

Andrade, T. D. de. (1997). A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. In: Levenfus, Rosane Schotgues. *Psicodinâmica da escolha profissional*. (p.123-134) Porto Alegre: Artes Médicas.

Fierro, A. (1995). Desenvolvimento da personalidade na adolescência. In: Coll, C., Palacios, J. & Marchesi, A. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. (p.288-298). Porto Alegre: Artes Médicas.

Knobel, M. (1997). Aspectos conscientes e inconscientes na orientação vocacional. In: Levenfus, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional*. (p.21-29) Porto Alegre: Artes Médicas.

Knobel, M. (1992) A síndrome da adolescência normal. In Aberastury, A. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lassance, M. C. P. (Org). (1999). *Técnicas para o trabalho de orientação profissional em grupo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Levenfus, R. S. (1997). Orientação vocacional ocupacional: à luz da psicanálise. In Levenfus, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lisboa, M. D. (1997). Ser quando crescer... A formação da identidade ocupacional. Em Levenfus, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional*. (pp. 109-122) Porto Alegre: Artes Médicas.

Palácios, J. (1995). O que é a adolescência. Em Coll, C., Palácios, J., Marchesi, A. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva* (p. 263-272) Porto Alegre: Artes Médicas.

Soares, D. H. P. (1987). *O jovem e a escolha profissional*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

Valore, L. A. (2002). Orientação Profissional em Grupo na Escola Pública: direções possíveis, desafios necessários. In Levenfus, R. S., Soares, D. H. P. (Org). *Orientação Vocacional Ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. (p. 115-131). Porto Alegre: Artes Médicas.

Veinstein, S. B. G. (1997). Orientação ocupacional: uma porta para o futuro. In: Levenfus, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional*. (p. 17-19) Porto Alegre: Artes Médicas.

Wainberg, A. K. 1997. Grupos de Orientação Profissional com Alunos Adolescentes. In: Zimmerman, D. E., Osorio, L. C. *Como trabalhamos com grupos* (p. 373-386) Porto Alegre: Artes Médicas.